

## O PRINCÍPIO DE ALTERIDADE NA ÉTICA DA COMPAIXÃO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Laécio de Almeida Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo o estudo da ética da compaixão em Arthur Schopenhauer para que possamos chegar a um conceito de alteridade na sua filosofia. O ponto de partida é a concepção metafísica do mundo como *Vontade e Representação*, a partir do qual consideramos as possibilidades de uma ética não prescritiva, diferentemente de Kant, em que o reconhecimento do “outro” e da “Vontade” como coisa-em-si apresenta-se como o melhor caminho para as ações morais do homem, no sentido em que este pode elevar-se à condição de “Bondade”, descrita por Schopenhauer sob as bases da “compaixão” e “Alteridade”.

**Palavras-chave:** Vontade, Compaixão, Alteridade, Schopenhauer.

**Abstract:** This paper focuses on the ethics of compassion in Arthur Schopenhauer in order to come up with a concept of otherness in his philosophy. The starting point is his metaphysical conception of the world as *Will and Representation* as a basis for considering the possibility to offer a non-prescriptive ethics, non-Kantian, in which the recognition of "other" and "will" as a thing-in-itself is the best way to achieve moral actions, in the sense that this can rise the human being to the condition of "Goodness", described by Schopenhauer from the perspectives of "compassion" and "Otherness".

**Keywords:** Will, Compassion, Otherness, Schopenhauer.

### 1. Introdução

A visão do mundo com base nos princípios de Arthur Schopenhauer (1788-1860) abrange uma complexa noção de metafísica, ética, estética e outros temas que não podem ser compreendidos isoladamente. Tomando como ponto de partida sua obra *O Mundo como Vontade e como Representação* (1818) percebemos que, mais do que um sistema filosófico, sua obra apresenta-se como um todo orgânico em que os conceitos estão interligados de tal modo que, para tratarmos do tema da ética, devemos partir de sua concepção metafísica que apresenta o mundo em um duplo aspecto: enquanto Vontade, coisa-em-si, e enquanto Representação, ou modo como os fenômenos existem no mundo. É importante ressaltar que esta divisão é apenas teórica e dá-se no intelecto humano, pois tanto Vontade quanto Representação são aspectos de uma mesma realidade. Para Schopenhauer, a Vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana. Ela é também a fonte de todos os sofrimentos, pois a vida do homem é uma constante tentativa de satisfação dos desejos que

---

<sup>1</sup> Estudante do Mestrado em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí; ex-petiano do Grupo PET Filosofia (UFPI).

pulsam e, uma vez que todos não podem ser satisfeitos, dão origem à dor. Para alguns teóricos e comentadores, como Christopher Janaway (1999), o pensamento filosófico de Schopenhauer pode parecer mais uma filosofia do *pessimismo* na qual o homem, enquanto manifestação da Vontade, está submetido a um ciclo de desejos que quando satisfeitos trazem o prazer e quando não satisfeitos trazem a dor. Aquilo que se conhece como felicidade é apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade, e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. Mas como sair da dor e do sofrimento? Será que é possível cessar o desejo que pulsa no homem como vontade de vida? Para responder a estas questões um caminho viável poderia ser a apreciação desinteressada das idéias ou um ato de intuição artística que permitiria a contemplação da vontade em si mesma, mas isto significaria apenas um distanciamento relativamente passageiro, e não a supressão da Vontade. A libertação só pode dar-se, segundo Schopenhauer, quando o homem ascende ao nível da conduta ética, a qual representa um nível mais elevado no processo de superação das "dores do mundo" a partir de um princípio de alteridade, ou seja, do reconhecimento da Vontade que há em cada sujeito e da negação do princípio de individuação.

## 2. “Vontade e Representação”

Para compreendermos melhor a concepção ética de Schopenhauer devemos, pelo menos aqui de uma forma mais geral, partir da compreensão dos dois aspectos indissociáveis do qual o mundo é constituído: *Vontade* e *Representação*<sup>2</sup>.

A *Vontade*, a partir da visão de Arthur Schopenhauer, é o único elemento permanente e invariável do espírito, aquele que lhe dá coerência e unidade, que constitui a essência do homem e que também é entendida como vontade de viver e de viver na máxima plenitude. A Vontade seria o princípio fundamental da natureza, princípio [metafísico](#) geral que governa o [universo](#) e independe da representação, pois não se submete às leis da razão, ou seja, é o que está por trás de toda aparência, fora do espaço e do tempo e a que se tem acesso direto pelo corpo “imediatamente experimentado em nossa vida afetiva” (REDYSON, 2008, 256).

---

<sup>2</sup> Os termos Vontade e Representação são utilizados aqui no sentido metafísico, sendo Vontade com “V” maiúsculo utilizado para designar a coisa-em-si, essência e fundo de todos os fenômenos do mundo, enquanto que o querer que se manifesta nas ações volitivas do homem será utilizado “v” minúsculo. A *vontade ou querer* do homem já é uma manifestação da Vontade e esta diferença nos ajuda a compreender a diferença entre o caráter inteligível e empírico do homem exposto neste trabalho.

A “coisa em si” (a Vontade) é objetivada em diferentes graus, e deste modo, o mundo é dado à percepção como *Representação*. Este termo é utilizado por Schopenhauer para designar a idéia ou imagem mental de qualquer objeto externo à mente. A representação pode ser dita como a própria constituição do mundo que se revela sob uma base material. Mas para que haja um mundo também deve haver um sujeito, que pode ser descrito do seguinte modo:

O *substratum* do mundo, a condição invariável, sempre subentendida de todo fenômeno, de todo objeto, visto que tudo que existe, existe apenas para o sujeito. Esse sujeito, cada um o encontra em si, pelo menos enquanto conhece, não enquanto é objeto de conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2001, 11)

Então o mundo é constituído a partir do sujeito. Tudo o que faz parte ou pode fazer parte deste mundo inevitavelmente se submete, tem o sujeito como condição, e só existe pelo sujeito. O sujeito é aquele que *conhece*, mas não é *conhecido*. Ele é, pois, o suporte do mundo, a condição constante e sempre subentendida de tudo que é perceptível, de todo objeto, porque tudo o que existe, só existe para o sujeito.

O que existe – aquilo que é concebido pelo sujeito enquanto representação – está submetido às formas de espaço e tempo (conservando o pensamento kantiano de que o fenômeno depende dessas categorias *a priori* do entendimento), pois isto é o que permite a pluralidade das coisas. Todos os fenômenos estão organizados sob o princípio de individuação<sup>3</sup> e de razão suficiente, que significa dizer que todo fenômeno é compreendido como causalidade, no tempo e no espaço, “como efeito de certas causas que dão a razão de ser de um fenômeno, de ele se manifestar de um modo e não de outro” (REDYSON, 2008, 255).

Todo fenômeno é objetividade da Vontade, ou seja, objeto de manifestação do ser-em-si que se dá no mundo de diversas formas e em graus distintos, que vai desde as forças da natureza (seres inanimados) até o homem. Resumindo, o mundo nada mais é do que o espelho da Vontade expressa pelos vários fenômenos que se manifestam e que coexistem. Segundo Schopenhauer:

que o mundo, enquanto objeto representado, oferece à vontade o espelho em que ela toma consciência de si mesma, em que ela se vê com uma clareza e com uma perfeição que vai decrescendo por graus, sendo o grau superior ocupado pelo homem; além disso, que a essência do homem encontra um meio para se manifestar plenamente primeiro através da unidade da sua conduta, em que

<sup>3</sup> O que Schopenhauer denomina como *principium individuationis* é a Vontade manifestada na pluralidade de indivíduos, sendo a única essência de todos os fenômenos, mas que pelas categorias de tempo e espaço aparecem como coisas diferentes.

todos os atos se mantêm, e que em fim é a razão que lhe permite tomar consciência desta unidade, permitindo-lhe abarcar o conjunto, com um só olhar e *in abstracto* (SCHOPENHAUER, 2001,288).

O homem compreende-se de duas formas: como objeto físico entre outros objetos físicos, sujeito às leis naturais que governam todo movimento; é também compreendido enquanto consciente, via percepção imediata, sujeito cujo corpo manifesta a objetividade da Vontade. Para Schopenhauer não há dualidade, o corpo é a ligação imediata entre o sujeito e a Vontade e do mesmo modo é o que lhe permite distinguir os objetos do mundo (JANAWAY, 1999, 209).

O mundo é um todo com dois lados: o mundo como vontade (para nós) é o mundo como é em si mesmo, e o mundo como representação, que corresponde aos fenômenos e aparências tanto das nossas idéias quanto dos objetos.

## 2.1. A *Vontade* no Homem

O homem é a mais perfeita manifestação da Vontade, capaz de refletir e pensar sua própria condição a fim de encontrar respostas para suas ações; é essencialmente um sujeito de querer e que sofre quando não satisfaz os anseios de sua vontade. Todo prazer e satisfação são momentâneos, pois para cada desejo realizado inúmeros outros deixam de ser: este é o fundamento de sua dor.

A vontade manifesta-se no homem pelo princípio de individuação, no sentido em que este está submetido às categorias de espaço e de tempo e a causalidade, este é o fundamento de seus desejos e querer. A Vontade também se manifesta como coisa-em-si, que é individual e corresponde às idéias no sentido platônico, ou seja, livre do mundo material. No homem, a Vontade manifesta-se das seguintes maneiras: a) Como *caráter inteligível*, que é a vontade individual independente das formas fenomênicas de espaço e tempo; b) Como *caráter empírico* que se dá no tempo e que é o mero querer que se dá por meio da conduta do homem no mundo; e c) Como *caráter adquirido* que diz respeito ao caráter que se forma de acordo com a prática humana no mundo, ou seja, pela experiência segundo a qual o indivíduo compreende a imutabilidade da sua vontade individual (SALVIANO, 2005, 89).

Para Schopenhauer “todo homem deve à sua vontade ser o que é”, todo *caráter* é antes determinado pela Vontade, e cada ação humana é executada segundo motivos que o sujeito escolhe. Deste modo se configura a conduta empírica que nada mais é do que

produto da própria Vontade, pois os motivos apenas direcionam o querer e não mudam a Vontade.

A afirmação ou negação da vontade é que faz toda diferença na existência humana. Enquanto afirmar seu *caráter adquirido* e seu *caráter empírico*, o homem será sempre como um pêndulo que oscila sem cessar entre a dor e a satisfação imediata de seus prazeres. A vontade manifestada no homem pelo princípio de individuação é o fundamento do egoísmo, que por sua vez pode ser descrito da seguinte forma:

cada indivíduo, apesar da sua pequenez, ainda que perdido, aniquilado no meio do mundo sem limites, não deixa de se tomar pelo centro de tudo, fazendo mais caso da sua existência e do seu bem-estar que do de todo resto, estando mesmo, se apenas consulta a natureza, pronto a sacrificar a isso tudo que não é ele, a aniquilar o mundo em proveito desse eu, dessa gota de água no oceano, para prolongar por um momento sua própria existência. (SCHOPENHAUER, 2001, 348)

O ser humano egoísta é aquele que manifesta sua vontade de vida acima de qualquer coisa e, caso necessário, não hesita em sobrepor sua vontade sobre a de outros indivíduos. Essa é a origem de toda maldade e injustiça que há no mundo e que, segundo Schopenhauer, pode ser superada se o ser humano dedicar-se a ir além do *caráter adquirido* e do *caráter empírico*, a fim de adquirir uma consciência baseada no tipo de *caráter inteligível* para então ser possível a negação da Vontade.

### 3. A Ética da Compaixão em Schopenhauer

Os conceitos de *Vontade e Representação* que dão título à sua principal obra nos oferecem uma compreensão melhor do homem, racional e reflexivo, capaz de operar representações e ao mesmo tempo ser do domínio da Vontade, que por ser livre, tudo que o homem pode fazer é criar motivos direcionando-a para algum fim que deseja alcançar. Quando o ser humano afirma sua vontade de vida ao ponto de invadir os limites do *outro*, chegando ao extremo de até mesmo negar a vontade do outro ser humano é o que dará origem à injustiça que há no mundo:

A injustiça manifesta-se ainda em todo ato que tem como efeito submeter outrem ao nosso jugo, reduzi-lo a escravatura, em toda usurpação dos bens de um outro, pois imaginem que esses bens são o fruto do seu trabalho e verão que essa usurpação é no fundo idêntica ao ato precedente, e que entre os dois a relação é a mesma que existe entre uma ferida e um assassino. (SCHOPENHAUER, 2001, 351)

Para Schopenhauer, toda imposição da vontade de vida de uma pessoa que invade o direito e a liberdade de outro indivíduo usufruir de suas forças, de seus bens ou de manifestar sua própria vontade é denominada de injustiça. O fundamento de todo mal advém do egoísmo e do princípio de individuação que faz com que o homem não consiga enxergar mais que sua própria imediatez.

Para ser justo e bondoso, o homem precisa perceber que a essência do mundo é a mesma e que está além das aparências fenomênicas, está na compaixão<sup>4</sup>. A primeira atitude propriamente moral está em romper com o egoísmo, trazer o mundo para si e compartilhá-lo com as outras pessoas, ou seja,

a compaixão é o oposto do egoísmo e da maldade. Ela é a base da ética pela qual um indivíduo reconhece sua essência imediatamente no outro. Para uma ação ter valor moral, ela não pode ter como motivo um fim egoísta. (STAUDT, 2007, 16)

A base da moralidade e da justiça, para Schopenhauer, traduz-se no sentimento da compaixão, que é o reconhecimento, no outro, de sua essência íntima, vontade, e a bondade pode a partir disso reduzir as diferenças entre o eu e o outro.

Segundo Schopenhauer, a compaixão como princípio moral tem um significado altruísta e desinteressado que origina ações que não visam ao interesse próprio, mas ao bem-estar de outro. Sobre este sentimento o filósofo afirma que:

“A compaixão não é uma exigência moral, mas é o nome da experiência (conhecimento intuitivo) de que todas as coisas fora de mim também são vontade e sofre dores como eu sofro. Através do sentimento da compaixão o indivíduo deixa de estar submetido ao princípio de individuação, o véu de Maya. O conceito de sentimento não se refere só aos afetos, mas engloba todos os movimentos de nosso interior, e os movimentos de nosso interior são, para Schopenhauer, estados da vontade” (STAUDT, 2004, 169).

Compreendemos que o fundamento moral, em Schopenhauer, advém de um tipo de conhecimento que não pode ser abstrato, como nos imperativos categóricos de Kant, mas sim de um conhecimento intuitivo e imediato, portanto “não se transmite, é preciso que cada um o encontre por si mesmo” (SCHOPENHAUER, 2001, 388).

Kant não conseguiu livrar verdadeiramente a ética do egoísmo e da teologia, segundo o pensamento de Schopenhauer em sua obra “*Sobre o Fundamento da Moral*” (1995),

<sup>4</sup> Aqui o termo *compaixão* é utilizado no sentido etimológico: “com” é o prefixo que traz a idéia de companhia e o verbo “patior, pateris, passus sum” que significa sofrer, suportar. Compaixão como o sentimento que se compartilha com o semelhante.

ainda que a reflexão moral kantiana seja considerada mais vantajosa que as éticas anteriores. A crítica a Kant destina-se ao fato deste ter afirmado que a ação só tem valor moral quando acontece simplesmente por dever, sem qualquer tendência exterior relacionada com ela. A moral, segundo Kant, apresenta um tipo de lei que devemos seguir e de que ao mesmo tempo somos autores, mas o problema é que uma moral baseada no dever não é, na compreensão de Schopenhauer, desinteressada, pois há por trás uma promessa de sanção que a torna hipotética e que só adquire “significado pela ameaça de castigo ou pela promessa de recompensa” (SCHOPENHAUER, 1995, 25).

Para Kant, a razão determina a vontade e este é um ponto que não condiz muito com a tese defendida por Schopenhauer, pois como vimos acima sobre o fundamento metafísico do mundo, a Vontade é anterior à própria razão, e mais:

Pode-se pelo contrário agir muito racionalmente, portanto refletida, prudente, conseqüente, planejada e metodicamente, seguindo, todavia as máximas as mais egoístas, injustas e mesmo perversas. Por isso é que, *antes de Kant*, jamais ocorreu a alguém identificar o comportamento justo, virtuoso e nobre com o comportamento *racional*. (SCHOPENHAUER, 1995, 57)

Ainda que a razão humana seja um “caráter” que a distingue dos outros fenômenos não implica necessariamente que este sempre agirá de maneira cautelosa e reflexiva ou que implicará sempre na retidão de seu caráter.

Para Schopenhauer a moral manifesta-se nas ações do homem, *não a priori*, mas como o resultado da experiência do indivíduo que se reconhece nos outros indivíduos, quebrando a ilusão do princípio de individuação, e, por isso, refere-se a algo que já se deu, não programado pela razão. Exceto pela compaixão, todas as ações humanas são baseadas no egoísmo próprio da vontade.

#### 4. A Questão da “*Bondade*” e do “*outro*” para Schopenhauer

Para Schopenhauer, no que diz respeito às ações morais, “tudo que responde bem à Vontade em qualquer das suas manifestações, tudo que lhe permite atingir seu objetivo, cai sob a qualificação de bom” (SCHOPENHAUER, 2001, 378). Se algo não corresponde aos interesses da Vontade, diz-se que é mau. Aqui o conceito de *bom* é relativo à Vontade, ao seu *querer*, e por isso a impossibilidade de existir no mundo um sumo bem que seja a satisfação plena da Vontade.

Na ética da compaixão é possível constatar que o significado das ações humanas

não é determinado pelas condições exteriores, tam pouco por algum tipo de conhecimento abstrato, mas somente por uma disposição interna que há no homem, pois:

Ele conhece, de um modo imediato e sem raciocinar, que a realidade, escondida atrás do fenômeno que ele é, é a mesma nele e no outro, visto que ela é essa Vontade de viver, que constitui a essência de todas as coisas e que vive em todo lado; (SCHOPENHAUER, 2001, 391)

Podemos afirmar que, para haver bondade no mundo, justiça, o homem deve reconhecer seu ser e a vontade em cada fenômeno do mundo, elevando se de seu princípio de individuação e, a partir de si mesmo, reconhecer que o outro compartilha da mesma vontade de que lhe constitui, só assim é possível esboçar as primeiras ações desinteressadas. Pois apenas quando o conhecimento domina o impulso cego da vontade é que o homem pode tornar-se bom. Neste sentido, o homem que deseja o bem do outro é aquele que nega a vontade, que enxerga além do “Véu de Maya”<sup>5</sup> e que deste modo torna-se caridoso.

Essa negação da vontade de vida atinge seu grau mais elevado na *ascese*<sup>6</sup>, em que o sujeito percebe que o mundo é sofrimento e dor e por isso renuncia a ele, é o mais elevado grau de caráter que dispõe o homem, pois esse é capaz de sacrificar-se em prol da vida e do bem-estar do outro. Por tal razão podemos dizer que:

o ascetismo, com a vida dos místicos e santos caracterizada pela mortificação da vontade, deve ser entendido como uma ilustração para o que entende por negação da vontade. (STAUDT, 2004, 165)

Schopenhauer, no livro *IV* de sua obra “*O Mundo como Vontade e Representação*” (2001), expõe exemplos e narra situações, como de homens que morreram em nome de sua comunidade, negado sua vontade de vida e afirmando sua “*bondade*”, como Gautama Budha e São Francisco de Assis. O caminho das boas ações e da negação da vontade de vida experimentada pelos exemplos citados é um caminho de resignação que tem por objetivo acalmar o querer e que passa por etapas tais como:

Castidade – A contradição com seu próprio corpo começa pela recusa de toda satisfação sexual, pois o desejo sexual é a expressão mais nítida da afirmação da vontade [...] Pobreza voluntária [...] Mortificação do corpo – A prática do jejum e da autoflagelação, por meio das privações e dos sofrimentos contínuos [...] Aceitação do sofrimento e da própria morte. (STAUDT, 2007, 298)

Neste sentido, o único caminho possível para o homem libertar-se da dor e do sofrimento,

<sup>5</sup> A expressão *Véu de Maya* é utilizada por Schopenhauer fazendo referência ao princípio de individuação e a ilusão de crer na no conjunto de aparências e fenômenos.

<sup>6</sup> O termo “*Ascese, Asceta*” designa o sujeito que alcançou a mais elevada negação da vontade de forma consciente e duradoura. Não significa fechar os olhos para as dores do mundo, mas conviver com o sofrimento que há nele.

a fim de alcançar a bondade de sua vida, é pela resignação e o reconhecimento de sua essência (Vontade).

Sobre a *bondade* e o *outro* na visão do filósofo aqui apresentado podemos dizer, ainda que de modo bem geral, que somente pela compaixão se pode alcançar um estado de graça que permita o homem, enquanto vontade de vida e fenômeno, conhecer a si e reconhecer no outro o sofrimento que é sua condição neste mundo. Em Schopenhauer, o princípio de alteridade constitui a representação que um sujeito faz do outro passando a identificar-se com ele até o momento em que a diferença inicial entre os dois é suprimida, o que ocorre na compaixão, que é o princípio da moralidade para o filósofo e que não está fundamentada em princípios abstratos a serem prescritos, e para concluir o pensamento a partir do que já foi dito até aqui, apenas através do sentimento compassivo o sujeito não cometerá danos ao outro, pois reconhece o mesmo sofrimento existente em si. Estará disposto a ser solidário ao outro, a ajudá-lo se for preciso, desprovido de qualquer interesse.

## 5. Conclusão

Sobre os fundamentos metafísicos de Schopenhauer, onde compreendemos o mundo sendo nossa *Representação* e *Vontade*, podemos perceber o quão ruim é a vida do homem que não tem consciência da sua condição, da afirmação de sua vontade de vida que é o fundamento de toda dor e maldade que há em sua existência. Pois a Vontade não cessa, “ela faz-se desejo carnal, amor apaixonado, ciúme, inveja, ódio, inquietação, ambição, avareza, doença, e tantos outros males, tantos outros!” (SCHOPENHAUER, 2001, 330).

Destas considerações a respeito da realidade humana é que surge o rótulo de *pessimista* atribuído à Schopenhauer, mas que não se sustenta quando conhecemos mais de perto o conjunto de idéias que o filósofo nos apresenta, pois: “Quando o sistema de Schopenhauer é olhado como um todo, pode ser visto que existe uma boa dose de evidência para provar que tal rótulo pode ser enganoso e equivocado para o filósofo” (MANNION, 2003, 12). Mais que um sistema, a filosofia de Schopenhauer é um complexo orgânico de conceitos que se conectam e nos permite, apenas dessa forma, uma compreensão mais aprofundada sobre os temas recorrentes de seu pensamento filosófico.

Para que fosse possível chegar a algum tipo de entendimento sobre o significado do termo “alteridade”, na visão de Schopenhauer, e agora podemos definir de forma breve como a preocupação em promover o bem-estar do outro, precisamos da breve exposição

sobre sua ética da compaixão e sobre o que significa alcançar a bondade pela negação da vontade, uma vez que esta pulsa em todos os fenômenos. Como o homem é o grau mais elevado da manifestação da Vontade no mundo, cabe a ele, pelo seu próprio caráter, alcançar a consciência necessária que lhe permita um bem-estar mais duradouro e consciente.

Portanto, para conseguir elevar-se a um nível de vida menos dolorosa é preciso reconhecer que suas ações e seu modo de *ser* no mundo possuem um fundamento que é igual em todas as outras coisas, que é em-si: a vontade.

Caso a vontade seja afirmada, o homem continuará sempre preso as representações fenomênicas de sua existência, que embora derivem do *uno* (da Vontade) aparece como uma diversidade de coisas submetidas às leis de causalidade e às categorias de espaço e tempo. Por outro lado, caso o homem queira negar essa Vontade, a compaixão surge no mundo como o fundamento de uma ética justa que pode garantir um estado humano bem mais agradável. Negar a Vontade é reconhecer que o outro é um ser que compartilha das mesmas dores que você, ou seja, é renunciar ao egoísmo e adquirir a consciência de que aquele que sofre também é aquele que agride, pois o que está por trás de tudo é apenas a Vontade.

Essa consciência só pode ser adquirida na vida prática, no cotidiano das relações humanas e com isso elevarem-se a um nível intuitivo onde não possa mais haver distancias entre o *outro* e o *eu*. É na vida que aprendemos a lidar com as dificuldades e pelo exemplo que podemos observar no outro, pela representação que fazemos, podemos nos colocar em seu lugar e sentir aquilo que é um mau. A Vontade não deixa de existir no mundo quando a conhecemos, mas pela compaixão, pois podemos sair do princípio de individuação e saber como direcionar melhor nossos pulsos (numa situação mais extrema chegar a ser um *asceta*, que segundo os exemplos dados por Schopenhauer, como Budha e São Francisco de Assis, não é impossível) a fim de não causar dor no outro, mas a *bondade*. O caráter austero só é possível nestas condições e com isso vemos não um *pessimismo* de Schopenhauer, mas a descrição da essência íntima do home a fim de que este, consciente, seja justo e compassivo.

## Referências

JANAWAY, Christopher. Willing and Acting. In: **Self and World in Schopenhauer's**

**Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 1999, p.208-229.

MANNION, Gerard. Schopenhauer, Religion and Morality. In: **The humble path to ethics**. Aldershot-England: Ashgate Publishing Limited, 2003, p.1-38.

REDYSON, Deyve. Schopenhauer e a Metafísica do Pessimismo. **Princípios, Revista de Filosofia**. v. 15, n. 23, 2008, p.255-269.

SALVIANO, Jarlee O. Silva. Desconfortável consolo: a ética niilista de Arthur Schopenhauer. **Cadernos de Ética e Filosofia**. São Paulo, v. 6, 1, 2005, pp. 83-109.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como Vontade e Representação**. Trad. M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STAUDT, Leo Afonso. O Significado Moral das Ações como Negação da Vontade, para Arthur Schopenhauer. **Revista de filosofia**. v. 19, n. 25, p. 273-303, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. A Descrição do Fenômeno Moral em Schopenhauer e Tugendhat. **Étic@** - Revista de Filosofia Moral e Política. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 163-176, dez. 2004.